

As contribuições de Claudia Goldin para a Economia

Sociedade de Economia da Família e do Gênero (GeFam)

O prêmio Nobel de Economia deste ano laureou a economista Cláudia Goldin, da Universidade de Harvard, pela sua contribuição seminal sobre o entendimento da dinâmica da participação das mulheres no mercado de trabalho. Sua habilidade magistral em descrever e analisar a história econômica das mulheres neste mercado permitiu uma melhor compreensão das dimensões econômicas em relação às diferenças de gênero, bem como revelou as forças propulsoras por trás dessas diferenças ao longo do tempo.

A economista tem doutorado pela Universidade de Chicago, lecionou em algumas das melhores universidades do mundo (Universidade de Wisconsin-Madison, na Universidade de Princeton e Universidade da Pensilvânia), antes de ingressar, em 1990, na Universidade de Harvard, onde se tornou a primeira mulher titular do departamento de economia da Instituição. Goldin é a terceira mulher a receber Nobel em Economia e a primeira a receber o prêmio sozinha.

Em sua primeira entrevista após a divulgação do prêmio, Cláudia observou que o prêmio tem um significado grandioso por representar um prêmio para “grandes ideias e para mudanças de longo prazo” e que ela é a terceira geração de professores que receberam o prêmio. Na Universidade de Chicago, ela foi aluna de Gary Becker (Nobel em 1992, por suas contribuições em economia da família, capital humano, crime e discriminação) e de Robert Fogel (Nobel em 1993, com Douglass C. North, por sua contribuição para História Econômica). Este último foi aluno do professor Simon Kuznets, laureado com o Nobel em 1971, por sua análise em Crescimento Econômico.

Claudia sempre se viu como uma detetive e, segundo a própria, detetives sempre tem uma pergunta e acreditam que há sempre uma forma de se encontrar respostas. Este é o modo como ela sempre fez pesquisa. Além de propor perguntas inovadoras, Goldin foi uma das principais responsáveis no campo da Economia em tentar responder por que as desigualdades de gênero persistem no mundo atual. Embora seu trabalho tenha sido apresentado em sua maior parte sob uma perspectiva da economia positiva, suas pesquisas geram insights importantes em termos de implicações de políticas públicas.



EQUIPE E CONTATO

Equipe: Ana Luiza de Holanda
Barbosa (IPEA), Solange
Gonçalves (USP), Simone
Wajnman (UFMG), Lorena
Hakak (FGV/RI)

Contato: gefam@gefam.com.br

Visite www.gefam.com.br

O Nobel em Economia de Claudia Goldin é extremamente importante não apenas para a economia, mas também para todas as mulheres que se defrontam com diversas barreiras e vulnerabilidades e, em sua maioria, buscam pela igualdade de condições e oportunidades no mercado de trabalho em particular e na sociedade no sentido mais amplo.

Fomentar as discussões técnicas e científicas sobre as disparidades na carreira e nos rendimentos de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades no tempo alocado para os cuidados com a família ultrapassa a luta pela maior igualdade de gênero. Os resultados de estudos como os desenvolvidos pela Claudia Goldin são relevantes para o desenho e elaboração de políticas públicas. A busca pela diminuição da desigualdade de gênero é também a busca por maior nível de bem-estar para todos os membros da família e todos os indivíduos da sociedade. É a busca pela maior eficiência e pelo crescimento econômico.

Mulheres no mercado de trabalho: perspectiva histórica

No contexto de estudos sobre as tendências históricas em questões de gênero, os resultados dos estudos de Goldin desafiam o que a literatura convencional advoga. Sua pesquisa une história e economia. Com base em dados da economia americana de mais de 200 anos, Goldin demonstra como e por que as diferenças de gênero em rendimentos e das taxas de participação mudaram ao longo do tempo.

Sua habilidade empírica para extrair dos dados a compreensão de processos complexos, é certamente um fator que deu grande visibilidade e relevância a seus trabalhos. Do ponto de vista das mudanças no papel das mulheres na sociedade, ela inovou ao examinar as trajetórias femininas na atividade econômica, observando longas séries de dados longitudinais e extraindo destes dados as evidências sobre as heterogeneidades entre mulheres de diferentes gerações (ou coortes).

Ainda no início de sua carreira, solucionou uma aparente contradição dos dados, segundo os quais, apesar do intenso crescimento das taxas de participação das mulheres casadas no mercado de trabalho na segunda metade do século passado, seus anos médios de experiência laboral não apresentava crescimento e, conseqüentemente, o *gap* salarial de gênero permanecia estável. Através dos dados longitudinais, Goldin mostrou duas coisas importantes. A primeira é que o crescimento das taxas de participação observado nos dados em *cross-section* exprimiam a massiva entrada de mulheres casadas sem experiência prévia no mercado de trabalho. Com isto, apesar de haver um aumento da experiência laboral das mulheres como um todo, os anos médios de experiência das mulheres correntemente ocupadas não crescia. Este seria, portanto, o típico efeito de composição que leva à deterioração das características do grupo observado (no caso, as mulheres ocupadas) devido às características das novas entrantes.

Esta mesma habilidade empírica permitiu outra grande contribuição que marcou a carreira de Claudia Goldin. Em um de seus trabalhos mais conhecidos, ela demonstra, com grande riqueza de dados, que a curva de evolução da participação feminina no mercado de trabalho, não apenas nos Estados Unidos, mas em grande parte das sociedades ocidentais, não apresentou uma tendência sempre ascendente ao longo dos últimos séculos, tendo tido, de fato, o formato de um U.

Durante a transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial ao longo do século XIX, a participação de mulheres casadas no mercado de trabalho teria sofrido uma queda significativa, devido à dissociação da atividade econômica do ambiente doméstico. No entanto, a partir do início do século XX, com as mudanças no comportamento reprodutivo, o acesso às tecnologias simplificadoras do trabalho doméstico e o crescimento do setor de

serviços, esta tendência se reverteu e a participação feminina passaria a subir. Portanto, a queda na força de trabalho feminina do século XIX teria precedido o seu aumento no século XX. Esta mesma relação adequa-se, não apenas para explicar o comportamento temporal da atividade feminina em uma sociedade, mas também para explicar as diferenças entre sociedades em estágios distintos de desenvolvimento.

Na extensa cobertura jornalística à conquista do prêmio Nobel, tem sido atribuído a Claudia Goldin a proposição desta relação em forma de U, o que não é precisamente verdadeiro. Como a própria autora relata, esta relação havia sido proposta e discutida por estudiosos do desenvolvimento econômico, sendo John Dana Durand, um dos precursores da área de demografia econômica da Universidade da Pensilvânia, o mais conhecido deles. Havia, portanto, um debate em aberto sobre as evidências e os fatores causais da evolução da participação das mulheres nas atividades econômicas, no ambiente em que Claudia Goldin se formou e começou sua carreira.

O que, sim, deve ser atribuído a ela é o grandioso trabalho empírico de levantamento de evidências, tanto sobre outros países, quanto sobre o caso americano especificamente, e a proposição de hipóteses robustas para a explicação detalhada do fenômeno. Parte fundamental de sua contribuição, também, foi a descrição do mecanismo causal que relacionou a parte descendente da curva de participação ao domínio de um efeito renda negativo e, à parte ascendente, ao domínio de um efeito renda positivo, sendo o aumento da escolaridade feminina o elemento fundamental para a transição entre os dois cenários. No início do processo de industrialização e formação do mercado de trabalho, um aumento da renda familiar, combinado com a perda de valor da produção doméstica de bens e serviços, levaria à redução da oferta do trabalho feminino. Posteriormente, o aumento da escolaridade feminina, que abria a possibilidade de trabalhos menos manuais e de menor estigma social, faria com que as mulheres passassem a responder aos aumentos salariais com ampliação de sua oferta de trabalho. A elucidação destes mecanismos pavimenta o caminho através do qual a escolaridade e o tipo de ocupação às quais as mulheres têm acesso se tornarão elementos centrais, em trabalhos posteriores, para estabelecer o papel das interrupções decorrentes do casamento e da maternidade sobre a capacidade das mulheres em se manterem no mercado de trabalho e sobre seus rendimentos.

Ainda no contexto histórico, vale destacar também que Goldin já apontava, em seus estudos, diferenças raciais significativas entre as mulheres no mercado de trabalho. Em 1900, a participação das mulheres negras casadas era 10 vezes maior do que as mulheres brancas. Goldin argumenta que uma provável causa para esta heterogeneidade se deve aos efeitos da escravidão nas questões raciais e aos diferentes processos de socialização entre mulheres brancas e negras.

A importância da análise histórica de longo prazo da evolução e da dinâmica das mulheres americanas, em que ressalta os avanços tecnológicos e educacionais e evidências demográficas importantes (como a queda de fecundidade) vai além da investigação de determinadas características do mercado de trabalho de um determinado país (no caso, os Estados Unidos). Países passam por processos de transformação similares em diferentes pontos do tempo, ou por diferentes níveis de desenvolvimento. Por exemplo, a taxa de participação das mulheres na Índia em período recente (um pouco mais de 20%) é comparável com a taxa de participação das mulheres americanas no início do século XX. Análises de longo prazo, como as de Goldin, nos informam sobre os determinantes de desigualdades contemporâneas entre países e desigualdades de gênero em uma perspectiva global.

Em sua análise longitudinal, Goldin chama a atenção, ainda, para o fato de que o aumento significativo da força de trabalho das mulheres nas últimas décadas do século XX se deve principalmente ao comportamento das mulheres casadas. Nos séculos XVIII e XIX, boa parte

das mulheres americanas deixava de trabalhar no mercado quando se casava. Tal padrão não mudou durante boa parte do século XX. As altas taxas de participação feminina, que se iniciam principalmente a partir da segunda metade do século, foram frutos de taxas mais altas da reentrada das mulheres no mercado de trabalho em estágios mais avançados no ciclo de vida, após o nascimento e criação dos filhos.

Um outro achado importante de Goldin, extraído da observação do comportamento do ciclo de vida das gerações (ou coortes), é que a escolha da ocupação com que as mulheres entravam no mercado de trabalho afetava a sua capacidade de permanecer ocupadas após o casamento, sendo que o campo das ocupações administrativas, ou de escritório, em forte expansão para as mulheres, dava mais possibilidades de manutenção ou retorno ao emprego (comparativamente às atividades mais manuais, mais comuns anteriormente) após episódios de saída temporária da ocupação, devido ao casamento ou ao nascimento dos filhos.

Revolução Silenciosa: fase recente

O estudo pioneiro de Goldin conecta um arcabouço que inclui educação, fecundidade, e produtividade com as aspirações, identidades e as escolhas das mulheres.

Em um contexto mais abrangente, os estudos de Claudia Goldin mostram que as normas sociais, barreiras institucionais e necessidades das mulheres em conciliar trabalho (carreira) e família restringem e, muitas vezes, são impedimentos da entrada ou ascensão feminina no mercado de trabalho. Em qualquer momento dado do tempo, a oferta agregada de trabalho feminina compõe mulheres de diversas gerações e em diversos momentos do ciclo de vida. Estas mulheres fizeram diferentes escolhas educacionais no passado e suas "responsabilidades" com o suporte familiar expandem com a idade.

Goldin tornou central na análise sobre a dinâmica do mercado de trabalho algumas restrições enfrentadas especificamente por um determinado grupo de trabalhadores, as mulheres. E esta é a principal colaboração metodológica da pesquisadora para as áreas de Economia do Trabalho, Economia do Gênero e da Família. Em qualquer momento do tempo, os salários e o emprego das mulheres é o resultado da interação entre a oferta e a demanda de suas habilidades. A demanda por estas habilidades -- por parte das firmas (empresas) -- muda ao longo do tempo devido, por exemplo, a mudanças estruturais e tecnológicas.

Já as decisões da oferta de trabalho -- por parte dos trabalhadores -- devem ser compreendidas levando em conta os seus impactos ao longo de todo o ciclo de vida. Ou seja, já na juventude, momento em que ocorrem as decisões sobre o nível de educação, são fundamentais as expectativas dos indivíduos sobre as perspectivas futuras de ganhos e progresso no mercado de trabalho. E é justamente na tomada da decisão sobre ofertar trabalho que as normas sociais, as barreiras institucionais e a necessidade de equilibrar o tempo dedicado ao trabalho e o tempo para os cuidados com a família, restringem as escolhas da oferta de trabalho dos indivíduos, mas de forma muito mais acentuada para as mulheres. Em qualquer momento, a oferta agregada de mão-de-obra feminina é composta por mulheres em vários pontos dos seus ciclos de vida. Usualmente, o nível educacional é determinado na juventude, mas as responsabilidades e tempo alocado para os cuidados com a família mudam ao longo do ciclo de vida. E a capacidade de adaptação das mulheres às variações na demanda por suas habilidades no mercado de trabalho também vai variar ao longo do ciclo de vida.

Em um estudo que trata das decisões entre casamento e a escolha profissional destas mulheres, Goldin (em coautoria com Lawrence Katz) mostram que as pílulas contraceptivas geraram incentivos para o investimento em educação e aumento da oferta de trabalho das

mulheres com maior qualificação. Qual o mecanismo para tal efeito? O acesso às pílulas reduziu os custos da espera em se casar, o que incentivou as mulheres em investirem em suas carreiras.

A partir dos anos 1970, o nível educacional das mulheres aumentou de forma considerável, principalmente no que diz respeito a níveis mais elevados de qualificação (ensino superior, pós-graduação e programa técnicos profissionais). Este aumento nos investimentos de capital humano contribuiu para uma redução significativa da desigualdade salarial de gênero, principalmente a partir dos anos 1980.

Mas qual foi o fator principal para explicar este aumento expressivo na educação das mulheres e a redução da desigualdade salarial por gênero ao longo do tempo? Goldin responde esta pergunta ao mostrar diferenças geracionais expressivas entre mulheres em relação as suas escolhas em investir em capital humano e em suas expectativas e decisões com relação aos horizontes profissionais. A partir dos anos 1970, as mulheres, em especial as mais jovens, puderam investir mais em sua qualificação e no planejamento de suas carreiras e terem uma perspectiva mais clara no âmbito profissional em comparação com as gerações anteriores.

O aparecimento da pílula contraceptiva e a elevação significativa do nível de qualificação das mulheres foram os catalizadores da última fase do que Goldin chamou de “revolução silenciosa”, que descreve as mudanças significativas que ocorreram na participação das mulheres no mercado de trabalho, na educação e na família ao longo do século XX. Tal revolução se divide em quatro fases: a 1) a entrada das mulheres no mercado de trabalho; 2) a expansão da educação feminina; 3) redução da taxa de fecundidade; e 4) a mudança nas perspectivas com relação à sua própria identidade e mudanças nos padrões da relação entre trabalho e família. As três primeiras fases são cunhadas como o período de evolução das mulheres e se inicia no final do século XIX. Neste período, a identidade da mulher adulta era formada após o casamento. A revolução começou no final dos anos 1970, que foi quando as mulheres começaram a ter horizontes profissionais mais claros e a realizar suas decisões com maior autonomia. A fase revolucionária ainda está em curso.

Ainda que as mudanças descritas acima tenham sido fatores importantes para a redução das desigualdades de gênero entre as taxas de participação na força de trabalho, as desigualdades por gênero permaneceram estáveis. E a maternidade (e a decisão de ser mãe) é um dos pontos mais importantes para explicar a persistências destas diferenças.

Em coautoria com Marianne Bertrand e Lawrence Katz, Claudia Goldin mostra a relevância que o ciclo de vida de uma mulher pode ter na desigualdade de rendimentos. Com base em dados de 1990 a 2006 de turmas de MBA da Universidade de Chicago, os autores mostram que o momento em que uma mulher tem filho (principalmente, o primeiro filho) é revelador para explicar por que os rendimentos entre mulheres e homens podem divergir, entre outros resultados no mercado de trabalho. De fato, há uma penalidade pela maternidade, ou seja, há um impacto negativo sobre os rendimentos das mulheres que se tornam mães. Já para os homens que se tornam pais, os rendimentos podem inclusive aumentar com o nascimento de um filho. O estudo de Goldin et al. foi o precursor e inspirou toda uma literatura (recente) nas análises dos impactos de mudanças no ciclo de vida das mulheres e os seus resultados do mercado de trabalho, que se baseiam na técnica de estudos de evento, ao compararem os rendimentos (ou outros resultados no mercado de trabalho) das mulheres em relação aos homens em torno do nascimento do primeiro filho.

Mudanças institucionais e no acesso à educação, tecnologias que impactam no uso do tempo requerido para o trabalho doméstico, o “ambiente” e estrutura de trabalho e a possibilidade das mulheres em evitar ou “controlar” nascimento de filhos por pílulas contraceptivas ou adiar a gravidez para idades mais avançadas via Fertilização in Vitro (FIV) são

mudanças que tem influenciado as escolhas e expectativas das mulheres jovens sobre seus investimentos em educação, o seu futuro no mercado de trabalho, o equilíbrio entre trabalho e família e seus rendimentos.

Com a mudança, ainda que lenta, nas normas sociais, de forma a tornar os papéis de gênero mais flexíveis, mulheres casadas, e as que são mães, em particular, tem maiores chances de entrar no mercado de trabalho e compartilhar as responsabilidades em afazeres domésticos com seus cônjuges, configurando uma divisão sexual do trabalho não remunerado menos assimétrica.

A importância da flexibilidade no trabalho

Até aqui, foram apresentadas as contribuições de Goldin no que se refere à dinâmica da oferta feminina de trabalho nos dois últimos séculos. No entanto, a análise subjacente nas interpretações de Goldin quanto à dinâmica das mulheres na economia perpassa por um arcabouço em que emprego e rendimentos das mulheres são determinados pela oferta assim como pela demanda pelas atividades e capacidades disponibilizadas por esta oferta de trabalho.

A demanda por trabalho também tem sua própria dinâmica e passa por transformações estruturais e tecnológicas. Neste contexto, Goldin aponta que uma importante explicação para o efeito da maternidade sobre participação e rendimentos das mulheres é a forma como os trabalhos estão estruturados e remunerados. Sob o arcabouço de diferenciais compensatórios, as mulheres receberiam uma penalidade nos seus rendimentos ao demandarem trabalho com estrutura mais flexível e com maior conforto para atender às demandas de cuidados. Homens, por outro lado, receberiam um prêmio por estarem disponíveis para atender às demandas do trabalho no mercado. Em trabalhos que requerem a presença do trabalhador e que são menos flexíveis, surgem não linearidades nos rendimentos em relação às horas trabalhadas. As recompensas salariais são significativamente maiores para horas extras. Nas ocupações em que o grau de substituição entre trabalhadores é baixo, com pressões maiores em relação a tempo e relações interpessoais, os diferenciais por gênero tendem a ser mais altos. Em ocupações em que a substituição entre trabalhadores é alta, a desigualdade de gênero pode se reduzir, em especial para as trabalhadoras com filhos.

Uma importante contribuição de Goldin é a de que, apesar de identificar que educação e escolhas ocupacionais são fatores relevantes para o diferencial de rendimentos, a maior parte das diferenças de rendimentos entre mulheres e homens com nível educacional superior é identificada por diferenças dentro de uma mesma ocupação (*intra* ocupação) do que diferenças entre ocupações, e surge, em grande parte, com o evento do nascimento do primeiro filho.

Pandemia e seus impactos

Goldin também trouxe inovações com relação à análise o impacto da pandemia da COVID-19 nos principais resultados de mercado de trabalho das mulheres. E ainda, ela desmistifica um pouco o fenômeno que ficou conhecido como *shecession*, que se refere ao fato de as mulheres terem sido mais afetadas em termos de perda de emprego e redução de oportunidades de trabalho.

Goldin mostra que, de fato, em comparação com recessões anteriores, a induzida pela COVID-19 afetou mais o emprego e a participação da força de trabalho das mulheres em relação aos homens. No entanto, a grande desigualdade não foi tanto entre homens e mulheres, mas sim entre as mulheres mais e menos educadas. A economista ressalta que a capacidade de conciliar as atividades de cuidados de filhos e dependentes e afazeres

domésticos e o trabalho no mercado variou de forma significativa de acordo com a educação, ocupação e raça/cor da mulher. As mais educadas puderam trabalhar em casa. Aquelas que começaram o período empregadas em várias ocupações e estabelecimentos que exigiam a presença (como o setor de serviços) experimentaram grandes impactos em termos de perda no emprego, sendo as mulheres negras as mais atingidas.

Goldin sugere que o impacto na saúde emocional e no estresse ocasionado pela sobrecarga de atividades de cuidados de dependentes associadas com as atividades no mercado de trabalho pode ser revelador para os resultados encontrados.

O papel das “Role Models” em Economia

Por meio de avaliações de impacto de programas com desenho experimental e desenvolvidos em universidades que oferecem a graduação em Economia, Goldin mostra a importância de ter *Role Models* do sexo feminino, ou modelos femininos de sucesso na carreira, para inspirar e motivar mulheres a seguir carreiras em áreas ao longo do curso de Economia. Isso tem sido objeto de estudos e pesquisas em universidades e outras instituições acadêmicas, que buscam entender como aumentar a diversidade de gênero em áreas profissionais historicamente dominadas por homens.

Considerações Finais

A pesquisa de Claudia Goldin é altamente reconhecida e notável por esclarecer as diferenças intertemporais e contemporâneas entre homens e mulheres no mercado de trabalho. No sentido mais amplo, sua obra é extremamente relevante para a prosperidade econômica. O estudo da existência e dos fatores determinantes das desigualdades (de gênero, em particular) é importante não só por questões de equidade e justiça, princípios e valores, mas também por gerar eficiência econômica.

A alocação eficiente do trabalho ocorre quando as pessoas são distribuídas de forma ótima ou eficiente na economia. Ou seja, a alocação eficiente ocorre quando as pessoas são alocadas nos setores, ocupações ou atividades em que podem ser mais produtivas. Partindo da premissa de que o talento inato é igualmente distribuído entre homens e mulheres, deve ser o caso de que melhores resultados econômicos seriam alcançados se homens e mulheres tivessem igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, sem barreiras para o acesso ao emprego desejado.

As ineficiências são extremamente custosas para a sociedade. A redução das desigualdades de gênero e maior diversidade e a melhora na alocação das mulheres no mercado de trabalho tem como consequência elevação de produtividade, crescimento econômico e bem-estar para os países. Para os Estados Unidos, por exemplo, estudos sugerem que 31% do aumento da produtividade dos EUA entre 1960 e 2010 pode ser explicado pela redução das barreiras à entrada de mulheres brancas, homens negros e mulheres negras em ocupações onde anteriormente eram fortemente sub representados. E as mulheres que mais se beneficiaram foram aquelas com filhos (Cavalcanti et al. 2022). Para o caso brasileiro, cálculos preliminares indicam que 36% dos ganhos de produtividade entre 1970 e 2010 no Brasil podem ser atribuídos à melhora da alocação de trabalho com a maior participação feminina em várias profissões (Cavalcanti, 2022).

Referências

Bertrand, M. *The Glass Ceiling. Working Paper n. 2018-78*. Becker Friedman Institute for Economics at the University of Chicago. 2018.

Bertrand, Marianne. Claudia, Goldin. Lawrence F. Katz. "Dynamics of the Gender Gap for Young Professionals in the Financial and Corporate Sectors." *American Economic Journal: Applied Economics*, 2(3): 228-255. 2010.

Cavalcanti, T. Fernandes, L. Rachter, L. Santos, C. Women and Men at Work: Fertility, Occupational Choice and Development. IDB. 2022.

Cavalcanti, T. *Consequências da libertação – O direito das mulheres é fundamental para uma sociedade justa e eficiente*. Coluna no Jornal Valor Econômico. 3 de agosto, 2022.

Goldin, Claudia. Understanding the Economic Impact of COVID-19 on Women. Brookings Papers on Economic Activity. Brookings Papers on Economic Activity. BPEA Conference Drafts, March 24-25, 2022.

Goldin, Claudia. A Grand Gender Convergence: Its Last Chapter. *American Economic Review*, 104(4): 1091-1119. 2014.

Goldin, Claudia. The Quiet Revolution that Transformed Women's Employment, Education, and Family, *American Economic Review*, vol. 96 (May), pp. 1-21. 2006.

Goldin, Claudia., From the Valley to the Summit. A Brief History of the Quiet Revolution that Transformed Women's Work. *Regional Review*, 14 (3): 5-12. 2005.

Goldin, Claudia. *Understanding the Gender Gap: An Economic History of American Women*. Oxford: Oxford University Press. 1990.

Goldin, Claudia. Life-cycle Labor Force Participation of Married Women: Historical Evidence and Implications. NBER. Working Paper n. 1251. 1983.

Goldin, Claudia. Female Labor Force Participation: The Origin of Black and White Differences, 1870 and 1880. *Journal of Economic History*, vol. 37 (March), pp. 87-108. 1977.

Goldin, Claudia, and Lawrence F. Katz. The Most Egalitarian of All Professions: Pharmacy and the Evolution of a Family-Friendly Occupation. *Journal of Labor Economics*, 34(3): 705-746. 2016.

Goldin, Claudia, and Lawrence F. Katz. "The Power of the Pill: Oral Contraceptives and Women's Career and Marriage Decisions," *Journal of Political Economy*, vol. 110 (August), pp. 730-70. 2002.

Hsieh, Chang-Tai, Erik Hurst, Charles I. Jones and Pete Klenow. "The Allocation of Talent and U.S. Economic Growth." *Econometrica*, Vol. 87, No. 5, 1439-1474. 2019.

Scientific Background to the Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in Memory of Alfred Nobel 2023. "To Claudia Goldin – For having advanced our understanding of women's labor market outcomes". *The Royal Swedish Academy of Sciences*. 2023.